

# Identidade nacional à luz do olhar estrangeiro

---

ALEXANDRE FIGUEIRÔA

**Cinema et littérature au Brésil – Les mythes du sertão: émergence d'une identité nationale** de Sylvie Debs. Paris: L'Harmattan, 2003, 359 p.

**Resumo** Esta resenha apresenta o livro de Sylvie Debs que nasceu da pesquisa de doutoramento da autora, em literatura comparada, realizada na Universidade Le Mirail (Toulouse, França). No livro, discute-se a questão da projeção de uma identidade nacional na literatura e no cinema brasileiros.

**Palavras-chave** cinema, literatura, identidade

**Abstract** This review presents the Sylvie Debs' book, which is the result of her research for a doctorate in Comparative Literature in the University Le Mirail, Toulouse, France. The author discusses in her book the projection of a national identity in Brazilian literature and cinema.

**Key words** cinema, literature, identity

A questão da identidade nacional já ocupou boa parte da investigação acadêmica nos domínios da literatura e do cinema no Brasil nas últimas décadas. Embora não tenha desaparecido completamente, hoje, talvez, ela tenha se tornado alvo de indagações pontuais relacionadas a estudos sobre objetos específicos para os quais, de alguma maneira, o assunto venha à tona, seja como referência histórica, necessidade de contextualização ou até mesmo de atualização de pressupostos teóricos.

No caso do cinema, com a retomada da produção nacional a partir de meados dos anos 90, tal ressurgimento fica bem evidente pela não desprezível quantidade de filmes que voltaram a ter como *leitmotiv* espaços míticos e simbólicos do imaginário brasileiro – destacando-se aí o sertão nordestino – dentro dos quais a questão da identidade acaba despontando nas análises dessas obras. Não deixa de ser curioso, portanto, ver essa temática ultrapassar nossas fronteiras geográficas e conquistar o olhar estrangeiro, mais precisamente o da professora Sylvie Debs, da Universidade de Strasbourg, na França, cuja tese de doutoramento, *Cinema et littérature au Brésil – Les mythes du sertão: émergence d'une identité nationale*, resultou no livro homônimo recentemente publicado pelas Edições L'Harmattan.

Para as universidades francesas, o trabalho de Sylvie Debs, sobretudo, no que se refere aos estudos cinematográficos, é uma contribuição a ser destacada face ao arrefecimento do interesse pelo audiovisual latino-americano, se compararmos os dias atuais com a efervescência registrada nos anos 60 quando, só para citar o caso do Brasil, o movimento do Cinema Novo e cineastas como Glauber Rocha estavam presentes na vida cultural da França e eram referências quase obrigatórias nos seus empreendimentos intelectuais. A autora marca, dessa forma, uma admirável retomada desse diálogo e mais: faz isso ancorando sua tese nas relações do cinema com a literatura, uma perspectiva interdisciplinar enriquecedora, e estabelecendo uma ponte entre filmes clássicos da cinematografia brasileira e obras contemporâneas.

Sylvie Debs já publicou inúmeros artigos sobre a literatura e o cinema brasileiros, é uma atuante colaboradora do *Rencontres de Cinema d'Amérique Latine*, de Toulouse, e visita regularmente o Nordeste, tendo inclusive trabalhado com o cineasta cearense Rosemberg Cariry. Esta intimidade com o Brasil, mais particularmente com a região Nordeste, conjugadas ao rigor intelectual, permitiu a autora demonstrar que um olhar externo pode conferir a um trabalho desse porte uma contribuição inteligente e fecunda. Orienta sua tese a premissa de que, nos países europeus, a relação de identidade estreita entre nação e literatura e nação e cinema é um dado cultural consolidado, enquanto nos países do Novo Mundo é uma relação em constante questionamento. Recorrendo ao crítico André Bazin para justificar o seu percurso, Sylvie Debs, equaciona a motivação de seu estudo:

Se o real e o imaginário são extremamente misturados no coração da expressão literária e cinematográfica, não é para menos que a transposição textual e icônica parcial dos elementos que representam a realidade de um país seja um dos meios que permite reconhecer a identidade nacional de uma literatura e de uma cinematografia. Na medida em que essa transposição é elaborada a partir da história, da realidade geográfica, social, econômica, e mesmo política do país, ela torna-se igualmente um símbolo da identidade nacional (pág. 11).

Escolher o sertão e, de uma maneira mais geral, o Nordeste como símbolo emergente da identidade nacional parece ter sido uma opção fácil para a autora, que desde as primeiras linhas de seu texto reconhece a região como espaço emblemático do país. Ela interroga as condições de emergência dessa identidade no imaginário coletivo, os elementos de sua fixação e a evolução de suas representações sucessivas a partir dos eventos históricos, recusando estereótipos mais generalizantes, principalmente aqueles difundidos no exterior, que apresentam o Brasil como país do carnaval, do samba e do futebol.

O trabalho desenvolvido por Sylvie Debs consistiu, dessa maneira, em revisitar as fontes de referências ao Nordeste, região tomada como uma espécie de reservatório natural das raízes culturais brasileiras, mas também lugar de suas contradições sociais mais relevantes. Na literatura, ela parte do clássico *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, que, do ponto de vista simbólico, instaurou essa vocação da região, passando também pelo primeiro congresso regionalista, organizado por Gilberto Freyre, em 1926, cujo manifesto confirmou essa condição. Não esquece, porém, dos modernistas e de Mário de Andrade com seu *Turista aprendiz* (1943), relato das andanças do escritor paulista pelo sertão brasileiro.

Mergulhando na cultura cinematográfica brasileira, ela relata como, a partir dos anos 50, o Nordeste foi uma temática recorrente da nossa produção. Lembra de Alberto Cavalcanti, em *O canto do mar* (1953); Lima Barreto, em *O cangaço* (1953), e Anselmo Duarte, em *O pagador de promessas* (1962), mostrando como eles abriram o caminho para uma representação audiovisual da região, que também passou a ser considerada um valor autêntico da identidade nacional. Demonstra, em seguida, como o Cinema Novo potencializou ainda mais essa idéia, graças ao diálogo profícuo que estabeleceu, sobretudo, com os escritores regionalistas, a exemplo de Nelson Pereira dos Santos e sua adaptação do clássico romance de Graciliano Ramos, *Vidas secas* (1938). Tais modelos de representação são retomados em obras como *Corisco e Dadá* (1996), de Rosemberg Cariry, e *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles Júnior, filmes da produção recente que ela analisa minuciosamente juntamente com *O sertão das memórias* (1996), de José Araújo.

Percorrendo a obra de Sylvie Debs, fica claro que, para ela, enquanto representação, a nação é a articulação de uma realidade e de uma ficção cuja projeção é reconhecida tanto no interior como no exterior do país. Dessa forma, segundo ela, a idéia de nação, pelo seu caráter imaginário, aproxima-se do cinema enquanto projeção de uma mesma realidade. Ou seja, se um país pode ser determinado pelo conjunto de informações geográficas, demográficas e históricas concretas, a identidade nacional pode ser vista como a representação mental do sistema de valores que une a comunidade de seus habitantes através do espaço e do tempo. Como o cinema, a nação seria, então, uma imagem, e esta imagem poderia ser até mesmo maior que a realidade da qual ela é a representação, de modo que sua eficácia enquanto símbolo acaba sendo proporcional a essa amplificação.

As conclusões apontadas pela investigação desenvolvida por Sylvie Debs não deixam, portanto, de ser instigantes. Para a pesquisadora, a emergência do Nordeste como símbolo de identidade nacional foi sendo construída por meio de conflitos e tensões dos olhares lançados sobre o país, tenham sido eles oriundos de seus habitantes ou dos estrangeiros que se prestaram a observá-lo. Estas tensões sofreram transformações significativas no decorrer da história — algo que sua investigação também tenta dar conta — e revelam mudanças da consciência do próprio Brasil enquanto nação, uma vez que o sertão, mesmo para os autores brasileiros tanto da literatura quanto do cinema, passou por diversos ajustes interpretativos em que a confrontação dos modelos de representação nem sempre foram convergentes.

Hoje a autora arrisca apontar valores identitários do Nordeste como os que mais dariam conta da própria imagem que o Brasil faz de si, pois, sendo esta região sua depositária mais legítima, foi a partir do que se descreveu e pensou sobre ela, em textos e imagens, que emergiu a consciência do subdesenvolvimento do país, cuja evolução das mentalidades fez despontar uma projeção do presente no qual tradição e modernidade cruzam-se, permitindo às manifestações culturais se abrirem para o futuro sem perder suas raízes.

ALEXANDRE FIGUEIRÔA é jornalista, professor da Universidade Católica de Pernambuco e doutor em estudos cinematográficos e audiovisuais pela Universidade de Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Publicou, entre outros, *La vague du Cinéma Novo en France fut-elle une invention de la critique?* (Paris, L'Harmattan, 2000). alexfig@uol.com.br

*Resenha agendada em maio e aprovada e julho de 2003.*